

(...) Sin embargo "nunca dijimos que la comunidad era anarquista. Es como cuando navegás: mirás la Cruz del Sur pero no sos la Cruz del Sur (...)

Ruben Gerardo Prieto (e)

En todos los dominios de la vida, y tanto en la parte desarrollada como en la parte no desarrollada del mundo, los seres humanos están actualmente en vías de liquidar las antiguas significaciones y tal vez de crear otras nuevas. Nuestro papel consiste en demoler las ilusiones ideológicas que dificultan esta creación.

C. Castoriadis (f)

Das utopias

Se as coisas são inatingíveis...ora !
Não é motivo para não querê-las... Que tristes os
caminhos, se não fora a presença distante das estrelas

Mário Quintana (g)

Como já apontamos no capítulo 3, a construção do projeto *Eco-Comunidad* está vinculado ao movimento de retorno a Montevideu de alguns dos membros da *Comunidad del Sur* até então exilados em Estocolmo, já que nos últimos anos da década de 80 instaurava-se, no Uruguai, condições favoráveis, com a consolidação do processo de abertura política.

A proposta do grupo consistia em reconstruir sua base uruguaia, com planos de reorganização e expansão da comunidade. Logo no retorno, em outubro de 1987, adquiriram uma casa, na qual passou a funcionar uma biblioteca, bar, livraria, centro de estudos, oficinas gráficas, teares, oficinas de cerâmica e um núcleo de moradia (*La Casa-Encuentro*). Já projetavam,

naquele momento, a intenção de fundar uma comunidade ecológica, o que se concretizaria logo depois.

A rigor, a idéia de uma comunidade ecológica já estava sendo acalentada muito antes mesmo do retorno efetivo para o Uruguai. O fomento para tal certamente estava não só relacionado às vivências e ao contato com outras comunidades no exílio e com práticas de educação, como também vinculado ao agravamento da crise sócio-ambiental e à busca de alternativas, e ainda com as perspectivas apontadas no campo das idéias. Pois vejamos.

Quando o grupo chega ao exílio, a sociedade sueca já havia sido atravessada fortemente pelos conteúdos da Declaração sobre o Ambiente Humano e pelas propostas do Plano de Ação Mundial (cujo objetivo principal era o de inspirar e orientar a humanidade para a preservação e melhoria do ambiente humano), gerados na Conferência de Estocolmo.

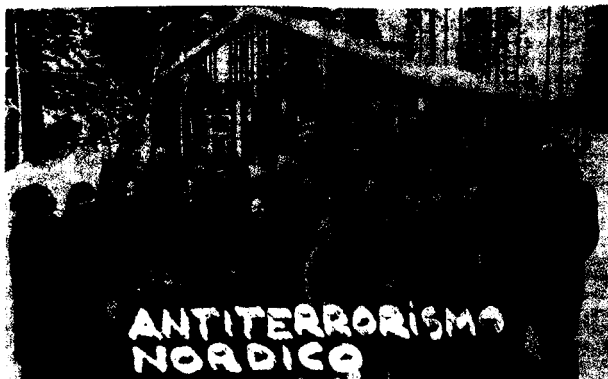
Ao mesmo tempo, a Suécia foi um dos países pioneiros no movimento levado adiante por escolas e professores baseado numa prática educativa que elegeu a questão do meio ambiente como enfoque principal, experiências essas que passaram rapidamente a ser reconhecidas institucionalmente, e que geraram materiais, guias, merecendo coordenadorias específicas e mesmo instruções oficiais. E os *porfiados*³² da *Comunidad del Sur* conheceram e mantiveram contatos com essas práticas.

Noutro sentido, o plano relação-ação forjado no exílio, já discutido linhas atrás, aproximou o grupo de outras experiências comunitárias na Suécia, Dinamarca, Noruega e Finlândia, particularmente com a Comunidade Skogsnäs.

A Comunidade de Skogsnäs constituía-se, àquela altura, na maior sociedade experimental da Suécia, localizada ao norte do país e ocupando uma faixa de terra com aproximadamente sete quilômetros de extensão. As atividades do grupo baseavam-se, essencialmente, no trabalho com a terra

³² Optamos em manter o termo em espanhol para adjetivar os membros da *Comunidad del Sur*. A palavra significa: insistentes, obstinados.

(cultivos biodinâmicos), no desenvolvimento de energia alternativa e num profundo respeito à natureza.



■ FIGURA 6: Comunidade de Skogsnäs. A maior sociedade experimental existente na Suécia. Foto realizada em 1980, durante reunião preparatória do Encontro do Movimento Alternativo Nórdico

É importante mencionar que as experiências comunitárias rurais pululavam por todo o continente europeu, com força também no contexto nórdico. E membros da *Comunidad del Sur* mantinham um envolvimento ativo nas reuniões do movimento alternativo nórdico, o “Nordisk Smaktion”, encontros que buscavam delinear algumas premissas comuns ao movimento alternativo e temas de interesse na construção da experiência comunitária.

O “Nordisk Smaktion” ocorrido em Skogsnäs, em outubro de 1980, por exemplo, debateu os seguintes temas: definição dos marcos gerais que definem o movimento alternativo; relação educação-escola; formas de energia alternativas; ação não-violenta; problemática das zonas pouco povoadas; cultivos biodinâmicos; trabalho florestal alternativo; produção alternativa; enquadramento político do fazer alternativo (COMUNIDAD 19, 1980, p.5). No mesmo ano, em dezembro, num novo encontro, realizado em Abo, Finlândia, os alternativos elegeram como ponto de partida do movimento a busca de relações e práticas alternativas que, em última instância, constituía-se numa ação crítica contra o Estado:

“(…) La defensa del medio ambiente depredado por el capital; la busqueda de medicinas autogestionadas que nos liberen de los

especialistas y de los tratantes de drogas; una nueva alimentación, que rescate las tradiciones más sanas y nos libre del veneno que se produce para el mercado; nuevas formas de energía que fascistizan la sociedad; la formación de comunidades alternativas a la vida familiar; la edición de publicaciones para la divulgación (...)." (COMUNIDAD 22, 1980, p.23).

Fica evidente, pelo exame das pautas desses encontros, a presença da temática ambiental nas preocupações e projetos do movimento comunitário nórdico. Esses referenciais agregam-se, portanto, de forma natural, à experiência que a *Comunidad del Sur* vai levando adiante. O envolvimento com as questões sócio-ambientais, ecológicas, passam a freqüentar, de forma recorrente, as páginas da *Revista Comunidad*, abrindo espaço para discussões em torno do desenvolvimento sustentável, da ecologia social, das formas de energia alternativa, da agroecologia, da crítica à energia nuclear, do crescimento urbano desenfreado, etc..

A recorrente presença do agravamento da crise sócio-ambiental na pauta da mídia internacional constituiu-se num outro fator que influenciou consideravelmente a percepção e concepção dos membros da *Comunidad del Sur*.

Foi ao longo das décadas de 70 e 80 que a questão ambiental apresentou-se de forma explosiva, saindo do âmbito restrito dos aspectos sanitários, da poluição da água e do ar, das perturbações e doenças dela advindas, dos episódios de mortandade de peixes, e passando a ganhar espaço a percepção dos efeitos globais dos grandes desmatamentos, da construção de represas gigantescas, do emprego da energia nuclear ou mesmo da excessiva queima de combustíveis, questões que começaram a inquietar a opinião pública e os governos.

Discutia-se a falência do modelo consumista de desenvolvimento e buscava-se alternativas. Essas circunstâncias foram vividas com muita intensidade pelo grupo. Na Suécia, acompanharam a angústia e a insegurança do acidente nuclear em Three Mile Island, nos EUA, e estavam bem mais próximos do catastrofismo e dos efeitos de Chernobyl, por exemplo.

No que se refere ao campo das idéias, o tema do movimento comunitário e das experiências autogestionárias assentadas nas perspectivas ecológicas e comunitárias já era debatido por intelectuais como David Clark, Murray Bookchin, Cornelius Castoriadis e Manfred Max-Neff, autores que influenciaram, naquele momento, a construção do movimento alternativo e comunitário.

David Clark, considerado o teólogo da perspectiva comunitária, e outros vão oferecer um aporte conceitual importante. Esboçam uma definição sobre comunidade intencional, entendida enquanto um grupo de pessoas reunidas com o propósito deliberado de reorganizar sua convivência em função de normas e valores idealmente elaborados, forjados através da criação de um novo marco social de referência.

Descrevem anatomicamente a constituição de uma comunidade intencional, assentada em cinco elementos fundantes:

- a) a idéia de um sujeito coletivo que possui um propósito, um acordo de normas e valores idealmente elaborados, constituindo-se mesmo no marco de referência ou motor desse sujeito coletivo;
- b) uma prática diária, uma experimentação da vida, baseada numa nova situação social (em oposição ao *status quo*), capaz de criar um imaginário social novo, subversivo. O uso da imaginação no trato das questões do dia-a-dia, aplicando-a em todas as dimensões da vida humana, na psicologia, na ecologia, na economia, sociologia, ética, entre outras, tornando o fazer comunitário ao mesmo tempo integral e radical;
- c) sentimento de solidariedade, permitiria a idéia e a prática do valor de coisa vivida; 4) o sentimento de pertencimento a uma comunidade e, ao mesmo tempo, ao universo, à terra, ao ar, à água, enfim, a toda a humanidade, proporcionando a possibilidade de uma comunidade aberta ao universo e a humanidade." (COMUNIDAD 50, 1985).

Já Murray Bookchin vinha ocupando um papel significativo na construção da experiência da *Comunidad Del Sur*. Muitas das suas idéias contidas no livro *Por una sociedad ecológica* (1979) acabaram se tornando relevantes no desenho do projeto eco-comunitário. Bookchin pregava a

transformação social, no sentido libertário, a partir dos aportes da ecologia social.

Defendia a necessidade de avançar a uma visão de mundo muito mais coerente, que evidenciasse as relações existentes entre os problemas ecológicos e os problemas sociais. Apontava para a necessidade de se criar uma cultura política que levasse em conta a participação efetiva da sociedade, proporcionando condições para sua libertação do tipo de economia, estrutura social e sensibilidade predominante. Apontava para a emergência do debate sobre as necessidades em escala humana no contexto dos movimentos comunitários, bem como sobre a discussão em torno do apoio devido aos bairros, às comunidades, às regiões.

São as próprias idéias de Bookchin que iriam orientar, posteriormente, a definição do perfil eco-comunitário desejado. E o grupo, em várias oportunidades, referenciava as seguintes idéias desse autor:

“El desarrollo de un movimiento revolucionario implica la inseminación en América de estos grupos de afinidad, comunas y colectivos, en las ciudades, en el campo, en las escuelas y las universidades, en las fábricas. Estos grupos constituirían células integradas y descentralizadas, que no dejaran al margen de su área de actividad ningún aspecto de la vida y de la experiencia. Cada grupo sería un centro de experimentación y de innovación orientado hacia la transformación tanto de la vida cotidiana como de la conciencia; y su estructura debería permitirle que, llegado el momento, se disolviera instantáneamente en las instituciones revolucionarias creadas por un pueblo para desaparecer en tanto que finalidad social separada. Finalmente cada uno de estos grupos procuraría reflejar lo mejor posible las formas liberadas del futuro y no, como hace la izquierda tradicional, las del mundo existente. Constituiría de por sí un centro energético para la transformación de la sociedad y la colonización del presente por el futuro.” (BOOKCHIN apud COMUNIDAD 60, 1987, p.10).

A obra e as idéias de Castoriadis fomentaram a reflexão sobre os valores e as práticas daquela experiência comunitária. Como expressa o conteúdo do fragmento apresentado em destaque, apontava para a liquidação das velhas significações que estruturavam o mundo e acreditava

nas possibilidades de criação de outras novas. O pensador também tratava de questões relacionadas ao caráter da sociedade contemporânea, advogando sempre pela democracia direta e pela autogestão, questões que diziam respeito, diretamente, aos temas fundamentais na construção da experiência da *Comunidad del Sur*.

O economista chileno Manfred Max-Neef (un economista descalzo³³), agraciado com o Prêmio Nobel Alternativo – 1984, foi outra influência significativa nas leituras feitas pelos membros da *Comunidad del Sur*, assim como também constituiu-se num interlocutor próximo, pois atuou em Uppsala, partilhando inclusive espaços para debater “Economia e Política Comunitária”. Max-Neef defendia uma economia em escala humana, um desenvolvimento alternativo, propondo então uma nova economia e outro desenvolvimento capazes de atender ao crescimento das pessoas e não dos objetos.

No início da década de 80, já estava fortemente presente na cultura do grupo a concepção de um projeto eco-comunitário. E encontramos duas fortes evidências nesse sentido.

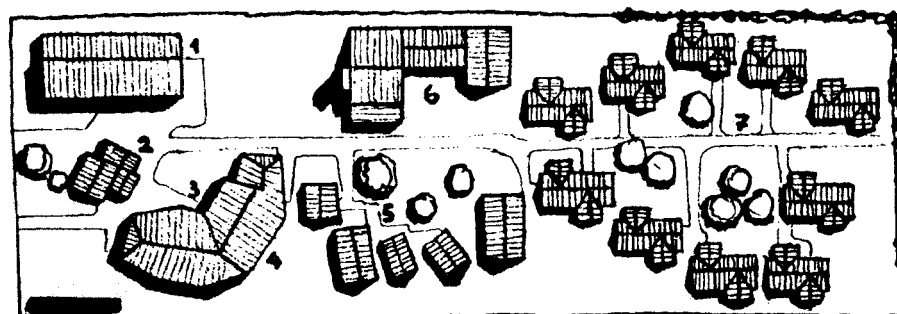
A primeira delas refere-se à participação da *Comunidad del Sur*, nos primeiros meses de 1981, num concurso promovido pela Administração de Assuntos Sociais de Estocolmo (Social-förvaltning) sobre formas de moradias coletivas.

Entre as 132 propostas inscritas, a comunidade esteve entre os três primeiros colocados. A proposta, apresentada sob forma de desenho e descrição correspondente (Figura 7), retoma os fundamentos que estruturaram a experiência comunitária em Montevideu, mas incluindo alguns aperfeiçoamentos. Na descrição do projeto, algumas estruturas justificam-se a partir do uso mais racional dos recursos naturais como, por exemplo, um menor consumo de energia.

³³ Essa expressão foi usada pelo próprio Manfred Max-Neef para referir-se à sua metamorfose enquanto economista, saindo de uma postura tecnocrática, tradicional e ortodoxa, de uma objetividade técnica, imposta pelo *establishment*, e assumindo o desejo de pisar no barro, isto é, procurando fazer uma análise econômica a partir de uma perspectiva moral e de uma sensibilidade para captar a complexidade social.

A proposta considerava ainda: uma solução mais barata de moradias e serviços comuns, um desenvolvimento harmonizando idéias-coisas-pessoas, e, ainda, um núcleo que vai assentando as bases para uma sociedade alicerçada em instituições que os homens compreendam e dominem.

O desenho projetado como uma experiência possível apresentava a seguinte estrutura:



1- Imprenta 2- Taller de artesanías 3- Comedor común 4- Cocina - Lavadero - Servicios comunes 5- Casa de los niños 6-7- Vivienda para adultos

■ FIGURA 7: Descrição detalhada ao pé do desenho

O segundo indício refere-se à participação das crianças da comunidade num outro concurso, voltado para crianças/jovens de até 15 anos, promovido pelo *Jornal Stockholms Tidningen (ST)*, em maio de 1982, sobre o tema "A cidade do Futuro", desafiado os participantes a projetar suas idéias através de desenhos.

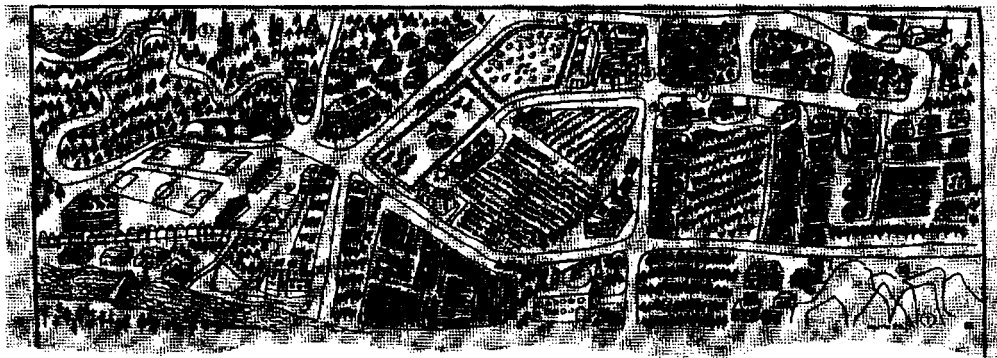
Os dois destaques do concurso foram justamente duas das crianças que desde o nascimento compartilhavam daquela experiência comunitária: Martín e Alvaro Prieto. Os desenhos que criaram, intitulados "Acostumbrados a compartir", expressavam uma perspectiva baseada na mútua solidariedade com a família e com outros adultos e crianças.

Um articulista do *Jornal ST* comentou, na ocasião, que para essas crianças é normal compartilhar de forma igualitária o que possuem, assim como pensar formas de viver coletivamente, não só entre eles mesmos, mas

considerando todo o bairro onde poderiam estar inseridos. Também pensaram numa forma de viver com um baixo nível de energia e utilizando energia solar, eólica e hidráulica.

A conclusão natural é que essas crianças estavam mergulhadas num espaço de sociabilidade atravessado pelo tema das questões ambientais, em discursos e visões de mundo que já se constituíam a partir da consciência das conexões entre os problemas ecológicos e os problemas sociais.

Abaixo, em função das significações que expressam, apresentamos os desenhos e as descrições elaboradas por Martín (Figura 8) e Alvaro (Figura 9).



■ FIGURA 8: Desenho criado por Martín

Descrição:

- Aquí se vive con energia solar, eólica e hidráulica. Hay molinos de viento (1) y en río represas hidráulicas (2). Cada casa tiene un captador solar y además utilizan leña.
- No se necesita comprar casi nada de otros lugares. Se cultiva lo que se necesita: árboles frutales, verduras, cereales. Hay ovejas que son propiedad común, para carne y lana (3). Todos se turnan para trabajar en los distintos lugares: con las ovejas, los cultivos, en el matadero (4) en el molino (5) donde se hace harina de los cereales, en la panadería (6), en el astillero (7) y en la fábrica de bicicletas (8). Todos tienen que aprender todas las tareas. Nadie gana dinero, sino que recogen lo que necesitan y entre todos ven que se comparta en forma justa.
- Hay transporte colectivo para otros barrios: el tren colgante a la derecha (9). No hay autos que despidan gases, solamente autos eléctricos se utilizan, por ejemplo, para el transporte desde de las minas (10). En aire es puro porque no hay gases nocivos y la gente tiene muchas posibilidades de mantenerse en forma: piscina, canchas de fútbol, tenis y gimnasios. En el río se puede remar o navegar. Por eso se necesita solamente un hospital chiquito, donde un helicóptero pueda aterrizar en el techo (11).
- La escuela es bastante grande, y van los niños de más de 7 años. La universidad también está en la escuela (12). Es bueno mezclar niños de distintas edades en las clases: pueden aprender unos de otros y de los adultos.
- En la imprenta (13), se imprime todo lo que es necesario, por ejemplo periódicos que lleguen a todos.
- El dibujo es sólo una pequeña parte. La totalidad es más grande. Cuántos habitantes habría no lo he pensado aún. (JORNAL ST apud COMUNIDAD 31/32, 1982, p.24)



FIGURA 9: Desenho criado por Alvaro

Descrição:

- Las casas están en grupos alrededor de una escuela en el centro (1). Ahí es el lugar para encontrarse y decidir sobre todo. De 3 a 5 personas de cada casa van allí para contar lo que ya se han puesto antes de acuerdo en el grupo, cuando tengan necesidad de discutir algo.
- En la escuela hay también una biblioteca; más que una escuela es una casa común de todos. También habría un comedor para comer juntos. Pero lo más importante es que allí decide en común.
- Al lado de la escuela hay una piscina (2) y un cine (3). Solamente autos eléctricos y bicicleta circulan por la ciudad. El depósito central de energía solar se transmite por cables a las casas, que también tienen captadores solares propios.
- No se cómo se dibuja un depósito de energía solar, así que lo hice solamente como idea (4). Los autos pueden cargar las baterías desde los cables si lo necesitan (5). También se produce energía por molinos de viento (6).
- En cada uno de los barrios chicos hay también una casa central (7) donde se puede comer juntos o recoger comida para llevar a casa. También hay canchas de fútbol y de deportes en cada uno (8).
- Todas las unidades son casi iguales. Tienen cultivos, trigo, árboles, frutales, verduras (9), animales domésticos (10), talleres y pequeñas industrias (11). En cada unidad hay también escuelas pequeñas (12) para los niños que no puedan o no quieren ir a la escuela grande, por ejemplo preescolares y niños chicos. (JORNAL ST apud COMUNIDAD 31/32, 1982, p.24)

Todas essas circunstâncias empurraram, em certa medida, a concepção de um projeto eco-comunitário. E não podemos esquecer de somar uma outra injunção, significativa, o movimento verde não institucionalizado, surgido no bojo da crise sócio-ambiental, que sustentou

uma crítica profunda às formas de dominação e exploração, tanto da natureza quanto dos homens, pregando a necessidade de uma outra ordem social, de "outro desenvolvimento", à escala humana. Esse movimento já se fazia forte na Europa nas décadas de 70 e 80.

O movimento verde, diferentemente de frações do movimento ecológico que se organizaram em partidos políticos, os chamados Partidos Verdes, que disputam eleições em várias partes do mundo, apoiava um fazer alicerçado numa práxis levada a cabo por comitês, associações, coletivos e outros, como meio de elevar a consciência das pessoas. Buscava também construir um novo movimento baseado na velha aspiração de retomar as bases de uma sociedade igualitária, com o desenvolvimento do movimento alternativo, fundamentado na recuperação da autonomia, na soberania individual, na constituição de novas sensibilidades e em novas formas de se relacionar com a natureza.

Em 1985, com a transição política uruguaia praticamente efetuada, abriu-se a oportunidade para a realização, em Montevidéu, de um Seminário sobre "Alternativas na América Latina". O evento foi, na verdade, um reencontro de companheiros que se dispersaram pela pressão do regime ditatorial, então vivendo como exilados no Chile, Argentina, Suécia, México, Espanha e Brasil, além daqueles que haviam permanecido no país e suportaram a dura prova da Ditadura.

Os membros da *Comunidad del Sur* estavam presentes, organizaram uma mostra dos 30 anos de sua trajetória e, assim, davam o primeiro passo no movimento de retorno para casa.

O encontro de Montevidéu reuniu pessoas que carregavam experiências díspares: a guerrilha, o exílio, as organizações de base, a esquerda clássica, a resistência, ou a espera e preparação de novas perspectivas. Por outro lado, agregou distintas gerações: a da crise da democracia e suas formas de legitimação, a que assumiu uma posição crítica e construtiva, a que surgiu da contestação, a que enfrentou com violência a violência instituída, a das derrotas múltiplas, a da debandada, da

desorganização e do exílio. Assomaram-se também nesse encontro os incrédulos e os primeiros desencantados dos novos consensos e pactos sociais.

Esse seminário foi capaz de reunir, como expressa o editorial da *Revista Comunidad* de setembro/novembro daquele ano:

“(...) todas las experiencias nuevas, los resultados de largas horas de meditar y de repensar, en soledad o en grupo, tanto los errores cometidos, como la conciencia de las ausencias teóricas evidenciadas en la acción desarrollada. La necesidad de ALTERNATIVAS PARA AMERICA LATINA se fundamentaba tanto en aquel pasado frustrante y frustrado, que quiso crear condiciones nuevas para una nueva sociedad; como en esos distintos presentes que en América Latina o en los países que acogieron los exilios, se abren cada vez más, a otras frustraciones no menos dolorosas y evidentes.” (COMUNIDAD 50, 1985, p.1).

Uma rápida mirada nos temas abordados no seminário³⁴ é suficiente para inferirmos sobre o quanto iria influenciar no projeto que a *Comunidad del Sur* colocaria em prática pouco depois. As experiências que ali confluíram, somadas às reflexões proporcionadas a partir das conferências e intervenções de intelectuais como Manfred Max-Neef (chileno, economista), Manuel Baquedano (chileno, especialista em tecnologias apropriadas), Alfredo Errandonea (uruguaio, sociólogo de grande prestígio naquele país), Jaime Rojas Bermúdez (argentino, psicólogo, especialista em psicodrama) e Vidar Wendel-Hansen (sueco, médico), entre outros, reforçaram, inequivocamente, o desejo e a busca de novas formas de vida e de um outro desenvolvimento.

Os debates reafirmaram a constatação de um mundo caracterizado por um conjunto de desequilíbrios e tensões de uma gravidade e um risco sem precedentes, tanto nas relações sociedade-natureza quanto nas relações entre os blocos, nas relações sociais e, inclusive, na estrutura

³⁴ O seminário sobre *Alternativas en América Latina* foi estruturado a partir de conferências, painéis, debates livres e mesas-redondas, que abordaram as seguintes questões: (1) Economía y política a escala humana: economía de la solidaridad; organización económicas populares; participación social; autogestión generalizada; acción política y comunidades de base; derechos humanos: la resistencia de la sociedad. (2) Ecología Social: espacios y territorios autogestionarios; tecnología apropiada; herramientas convivenciales; formas de vida alternativas y comunitarias; medicina alternativa: salud y sociedad. (3) Hacia una sensibilidad y personalidad diferentes: estructuras sociales e imaginario social; pedagogía libertaria; extensión universitaria; feminismo y autoritarismo; trabajo con técnicas grupales y psicodramáticas; educación por el arte; sexo e poder.

psicológica do ser humano. Em contraposição, apontaram a necessidade de se reivindicar pela qualidade de vida e pelo desenvolvimento das potencialidades dos seres humanos, de estimular as práticas e experiências solidárias e criar uma resistência ativa.

Na nossa leitura, é exatamente nesse momento que se situa o nascimento do projeto eco-comunitário, o que ocorreu concomitantemente à tomada de consciência das condições políticas e sociais favoráveis, para que o grupo retornasse ao Uruguai.

A essa decisão precedeu um conjunto de atividades (exposições, conferências, projeções, divulgação de boletim informativo), desenvolvidas ainda na Suécia, com o intuito de criar suporte para o retorno, na forma de obtenção de fundos e equipamentos, soluções técnicas, cooperação solidária, apoio direto, etc..

Em Estocolmo, por exemplo, realizaram-se *charlas*³⁵ sobre o tema *Alternativas en el Cono Sur*. Já em Storöman, uma pequena cidade ao norte daquele país, teve lugar um seminário sobre *Formas alternativas de vida*, que envolveu praticamente todos os integrantes da *Comunidad del Sur*. Os seminários de capacitação abarcaram os seguintes temas: ecologia social e ambientalismo; espaços e territórios autogestionáveis; tecnologias apropriadas; saúde e sociedade; constituição de uma sensibilidade e personalidade diferentes; economia descalça; imaginário social e educação libertária

Nas edições da *Revista Comunidad* publicadas a partir de 1986, o grupo anuncia, repetidas vezes, em seção específica, os contornos desse projeto, denominando-o por vezes de Eco-Comunidades, outras como promoção de idéias e experiências autogestionárias na América Latina. O conteúdo dos anúncios expressava-se basicamente da mesma forma:

“(...) hemos informado de las distintas actividades que estamos llevando a cabo en relación a un proyecto de eco-comunidad a instalar en Uruguay. En esa oportunidad se perfiló el diseño de una

³⁵ O termo refere-se a conversas, debates.

experiencia autogestionaria que pudiera servir al mismo tiempo como centro de capacitación para un desarrollo alternativo. (...) Como parte de este proyecto, y "base" para una posible concreción de un movimiento alternativo, hemos comenzado una campaña para la obtención de fondos (...)." (COMUNIDAD 56, 1986, p.14).

Em 1987, os membros da comunidade desembarcaram de vez em Montevideú com um projeto de vida desenhado. E retornaram da Suécia com máquinas, livros e dinheiro. Paralelamente, na segunda metade daquele ano, promoveram seminários sobre "Desenvolvimento à escala humana", que ocorreram na própria capital uruguaia, em Paysandú e Buenos Aires, com a proposta de integrar linhas de reflexão, de investigação e de ação que pudessem constituir um aporte substancial para a construção de um novo paradigma, "menos mecanicista y más humano" (COMUNIDAD 58, 1987, p.45).

Logo, retomaram sua trajetória de vida comunitária como meta e caminho (Figura 10). De início, adquiriram um sobradão na Avenida Millán, transformado em *Casa-Encuentro* e, posteriormente, em sede do Editorial Nordan.



■ FIGURA 10: *Comunidad del Sur*. Primeira festa de confraternização do grupo pelo retorno ao Uruguai após anos de exílio. Montevideú. Refundação, 1987

O projeto Eco-Comunitário dependia da aquisição de uma fração de terra, o que se concretizou pouco depois, com a compra de 14 hectares na localidade chamada *Camino Maldonado*, em área periférica de Montevideú. A experiência é levada a cabo a partir de 1988 pela conjugação de esforços entre a *Comunidad del Sur*, enquanto uma cooperativa integral, e um novo organismo que criam, a *Red de Ecología Social – Amigos de la Tierra (REDES-AT)*, uma associação que procura envolver-se com a temática ecológica-social e ambientalista.

5.1 ECO-COMUNIDAD: AÇÕES COLETIVAS NA CONCRETIZAÇÃO DE UMA OUTRA FORMA DE VIVER

A concretização do projeto *Eco-Comunidad* acabou se efetivando, portanto, pela confluência dos esforços daquelas duas experiências: de um lado, a *Cooperativa Comunidad del Sur* e, de outro, as intenções da associação, a *Red de Ecología Social – Amigos de la Tierra (REDES-AT)*.

A *Cooperativa Comunidad del Sur* envolvia todas as dimensões da vida cotidiana, incluindo, por exemplo, questões de moradia, educação, serviços, consumo, de produção, e, por essa característica, a perspectiva era também denominada de cooperativismo integral.

Para se compreender melhor o significado e a abrangência dessa prática, podemos mencionar um exemplo, a *Cooperativa de Mujeres (COPAN – ECOSUR)*, que agrega as mulheres da comunidade no intuito de criar um módulo produtivo que pudesse ser reproduzido em outros bairros por grupos similares, na produção de alimentos (pão integral, bolachas, biscoitos, doces e conservas) elaborados com produtos obtidos sem o uso de agrotóxicos e nem de conservantes químicos.

A cooperativa integral incluía igualmente o trabalho desenvolvido pelo Editorial Nordan, que se especializou na publicação de literatura voltada para o desenvolvimento alternativo.

Já a *Red de Ecologia Social* foi criada como uma associação para encarar o estudo e a denúncia de problemas e desastres ambientais (naturais e sócio-culturais), provocados pelo sistema de desenvolvimento predominante, baseado na exploração da natureza e de amplos setores da população.

Interessante observar que, na enunciação dos objetivos da associação, é possível identificar elementos situados num campo de significações que se vinculam à noção de uma Educação Ambiental no sentido que lhe atribuímos anteriormente.

As referências a um processo de educação permanente de intervenção político-pedagógica que objetiva a mudança, impulsionada por novas relações entre natureza e sociedade, na afirmação de uma sociedade de direitos e ambientalmente justa, estão presentes explícita ou implicitamente nos propósitos da associação acima mencionada. E o âmbito propriamente da Eco-Comunidade ou os demais gerados a partir das interações que viabilizam, são espaços privilegiados de educação do indivíduo. E o que esboçaram como princípio norteador, conseguimos visualizar nas ações e práticas que lá vivenciamos.

A REDES-AT propôs se compromissar com campanhas e ações orientadas, por exemplo, com o fim de ampliar a consciência da sociedade sobre as causas da chuva ácida, do aquecimento do planeta, da destruição da camada de ozônio, da desertificação crescente, aumento do uso de agrotóxicos e lixo radioativo, da extinção de espécies. Atribuiu-se à tarefa de promover o encontro, o intercâmbio de idéias e experiências concretas de pessoas e grupos que procuram organizar ativamente a vida humana desde uma visão ecológica, solidária e socialmente responsável. Disponibilizou-se ao estudo e à difusão de modelos de desenvolvimento à escala humana, que atendam as necessidades de todas as pessoas, baseados nos princípios da ecologia social. Buscou vincular-se, em nível regional e internacional, com outros organismos e pessoas que compartilham das suas preocupações e propósitos, total ou parcialmente. Comprometeu-se com a organização de grupos de estudos e de investigação em temas como tecnologias apropriadas,

saúde e meio ambiente, energias renováveis, agroecologia e ecologia social, entre outros temas, e propôs estimular a participação coordenada de organismos universitários, grêmios estudantis, enfim, toda forma de associação, institucionalizada ou não.

Logo no início dessa experiência eco-comunitária, multiplicaram-se os seminários e encontros para ampliar o aporte ao êxito da proposta, bem como contaram com visitas de solidariedade, apoio e colaboração de uma cooperativa de produção de Estocolmo–Starkoop, como também da comunidade Skogsnäs, igualmente da Suécia.

5.2 O APORTE DA ECOLOGIA SOCIAL

Linhas atrás, indicamos e comentamos as injunções que convergiram na constituição do projeto eco-comunitário, quando destacamos, entre outros, a influência do conceito de ecologia social³⁶ a partir do debate proposto por Murray Bookchin. Cabe agora avançar um pouco mais na caracterização desse conceito, justamente em função da constatação de que ele está presente na forma de organização da comunidade, no seu discurso, práticas e valores.

A concepção de ecologia social está assentada numa idéia fundamental, a de que nenhuma libertação será completa, nenhum intento de criar uma harmonia entre os seres humanos e entre a humanidade e a natureza jamais poderá ter êxito até que sejam erradicadas todas as hierarquias, e não só as de classes, como também a étnica, a de gênero, entre outros, bem como todas as formas de domínio, e não somente a exploração econômica.

³⁶ A expressão Ecologia Social foi usada pela primeira vez por E. H. Haeckel para designar a idéia de que o meio geográfico influi no temperamento, nas qualidades humanas e na vida social, concepção presente há muito tempo no pensamento humano. O estudo sistemático sobre a relação do homem com o meio físico já havia sido empreendido por I. Kant e J. A. Zeune. E K. Ritter lançou os fundamentos científicos do ambientalismo. O debate sobre essas questões avançou a ponto de, mais tarde, alavancar o surgimento do termo Ecologia Socio-Cultural. Frequentemente a expressão Ecologia Humana tem sido usada como sinônimo de Ecologia Social. Mas o Dicionário de Sociologia de H. P. Fairchild, distingue os termos. Nele, o verbete Ecologia Humana é o ramo da ciência que trata das relações recíprocas entre o homem e o meio; compreende a autecologia humana; e a sinecologia humana. O tema é abundante em interpretações e polêmicas. No contexto desta pesquisa, referimo-nos às expressões Ecologia Social e Ecologia Humana enquanto sinônimos, segundo o aporte e as indicações de Murray Bookchin, autor que aparece como uma das principais referências teóricas na construção da experiência *Eco-Comunitaria del Sur*.

No delineamento do conceito, Bookchin usa o termo "social" no trato das questões ecológicas para introduzir uma outra premissa fundamental: a de que nenhum dos principais problemas ecológicos com os quais nos deparamos pode ser resolvido sem uma profunda mudança social. Isso significa, em outras palavras, que a sociedade capitalista deve ser substituída pelo que chama de Sociedade Ecológica. E uma Sociedade Ecológica, para o autor, não deve ser hierárquica e nem de classes. Nela, estaria superado o conceito de domínio sobre a natureza, onde a humanidade passaria a viver um humanismo ecológico, sustentado por uma nova racionalidade, uma nova ciência e uma nova tecnologia.

Nesse contexto, a ecologia social é portadora de uma mensagem que não é primitivista e nem tecnocrática. A rigor, busca definir o lugar da humanidade na natureza, mas sem cair na proposta de um mundo antitecnológico, mas ao mesmo tempo sem aceitar ficções delirantes.

Murray Bookchin (1979) sustenta a idéia de que a humanidade é parte da natureza, ainda que se diferenciando profundamente da vida não-humana, pela capacidade que possui de pensar conceitualmente e de comunicar-se simbolicamente. Os seres humanos não se constituem somente em uma das tantas formas de vida, uma forma especializada que ocupa um dos tantos nichos ecológicos do mundo natural. São seres que, ao menos potencialmente, podem fazer a evolução biótica de forma auto-consciente e conscientemente dirigida. Quanto à natureza, pensa que não é simplesmente uma cena panorâmica para se ver passivamente através de uma janela. Define-a como o conjunto da evolução, a evolução em sua totalidade.

A ecologia social propõe uma nova política, o que implicaria, nas palavras de Bookchin, a criação de uma esfera pública de base extremadamente participativa, em nível de cidade, de povoados, de bairros.

O capitalismo tem produzido, na sua argumentação, a destruição dos laços comunitários tanto quanto a devastação do mundo natural. E em ambos os casos, estaríamos diante da simplificação das relações humanas e não-humanas, redução das mais elementares formas interativas e

comunitárias. Mesmo diante desse quadro, entende que onde existirem laços comunitários – incluindo as grandes cidades –, podem nascer interesses comuns, que devem ser cultivados e desenvolvidos.

A Ecologia Social aponta uma possibilidade de construção a partir da constituição de “contra-poderes”, que se oponham à crescente centralização de poder do Estado. Nesse terreno, Murray Boockhin destaca que uma ecologia política é possível e, ao mesmo tempo, é coerente e próxima à noção de ecologia concebida como estudo das comunidades, tanto humanas como não-humanas.

Nessa mesma direção, uma sociedade ecológica pressupõe formas participativas, de bases comunitárias, articulações essas que a ecologia política propõe-se a construir.

O projeto eco-comunitário passa a incorporar³⁷, portanto, na sua experiência, a perspectiva da ecologia social ou humana propalada por Boockhin. As evidências estão presentes nas suas práticas cotidianas mas também nas páginas do seu principal veículo de difusão, a *Revista Comunidad*, que continuavam publicando periodicamente. A charge reproduzida abaixo (Figura 11), corrobora essa nossa afirmação (COMUNIDAD 63, 1988, p.22).

³⁷ O debate que envolve o processo de constituição da *Eco-Comunidad* é de alto nível, com profundidade peculiar e notada capacidade de abstração, atrelada a uma prática social decorrente.



■ FIGURA 11: Sobre a Ecologia Social ou Humana. Desenho de Ruben Prieto

5.3 A ESTRUTURA DO LUGAR: COM OS PÉS NA TERRA E A BUSCA DE FORMAS AUTOGESTIONÁRIAS E SOLIDÁRIAS

A estrutura montada naquela área de 14 hectares (Figuras 12 e 13), bem como as práticas adotadas, baseou-se, fundamentalmente, no desenvolvimento de uma forma de viver, trabalhar e consumir que fossem ecologicamente saudáveis, mas que paralelamente implicassem uma maior participação de todos na vida social.

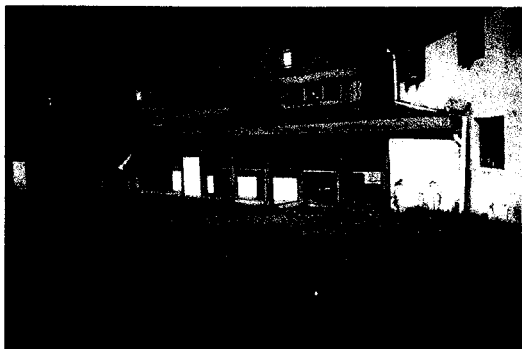


■ FIGURA 12: Vista do lugar e identificação da experiência que ali se desenvolve

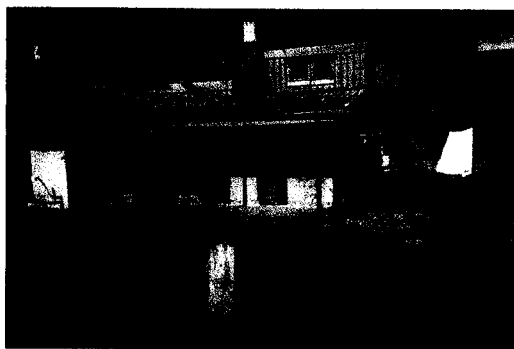


■ FIGURA 13: Portão principal de entrada na Granja Ecológica

No lugar, foi planejado e construído uma série de edificações, erguidas com material alternativo, barro, madeira e palha, formando um conjunto de cabanas (Figuras 14 e 15), as residências, para casais ou solteiros, que dispõem também de áreas apropriadas que estimulam o encontro permanente (salas de reuniões, varandas, espaços livres coletivos e um pequeno auditório – Figura 16). O método de construção foi inspirado nos ranchos tradicionais da campanha uruguaia e o projeto foi desenhado por um arquiteto chileno, ficando a execução ao encargo de um construtor e de um carpinteiro, ambos alemães, contando com o envolvimento de todos os membros da comunidade, bem como com a ajuda solidária de alunos da faculdade de arquitetura.



■ FIGURA 14: Vista parcial das cabanas residenciais



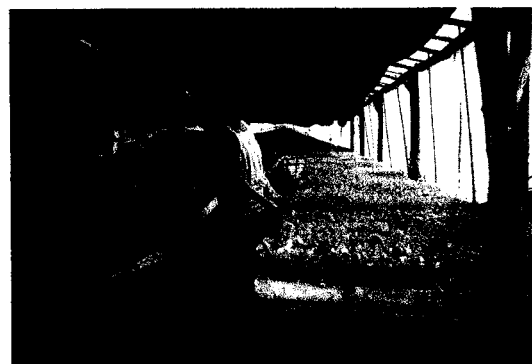
■ FIGURA 15: Detalhe das cabanas, aparecendo, ao fundo, as estufas e a mata nativa



■ FIGURA 16: Em detalhe, o pequeno auditório onde se realizam eventos comunitários e/ou inter-comunitários

A agroecologia foi definida como a base da estrutura produtiva, não só pela possibilidade de se constituir numa opção alternativa, mas porque, ao mesmo passo, viabiliza a diminuição de custo dos insumos, baseando-se numa integração com os fatores naturais que levam à conservação e possibilitam romper com a dependência de tecnologias agressivas para a saúde e ao meio ambiente.

Na prática agro-ecológica, desenvolvem o cultivo de hortaliças (Figuras 17, 18 e 19), tubérculos e cereais forrageiros (Figura 20), além de se dedicarem ao cultivo de ervas medicinais e aromáticas. Dedicam-se também a produção de humus para o seu uso como subsídio de agrossistemas, dado que a matéria orgânica é um componente essencial do solo.



■ FIGURA 17: A pesquisadora compartilhando do trabalho na estufa, transportando as mudas de alface para o transplante nos canteiros



■ FIGURA 18: Imagem detalhada dos canteiros onde se cultivam as hortaliças



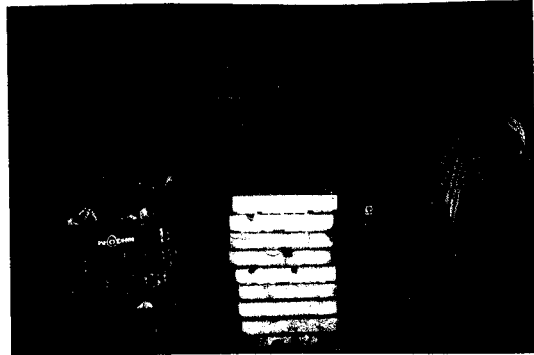
■ FIGURA 19: Área onde também se cultivam outras variedades de hortaliças



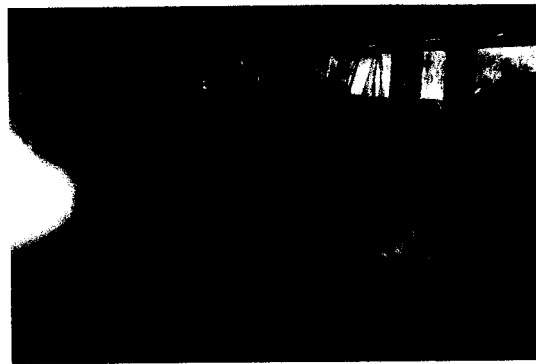
■ FIGURA 20: Plantação de cereal forrageiro

A produção obtida com o cultivo destina-se, em boa parte, ao próprio consumo da comunidade, mas também sustenta uma rede de consumidores que se inscrevem para receber os produtos da estação. Os associados a essa rede recebem uma caixa de hortaliças por semana (Figura

21), que lhes são entregues a domicílio. São consumidores que buscam especificamente o produto ecológico.



■ FIGURA 21: Preparação das caixas com produtos da estação a serem entregues aos associados



■ FIGURA 22: Local de armazenamento dos Produtos colhidos

A relação da comunidade com outros produtores estabelece-se de diferentes formas. Por um lado, integra uma cooperativa agrícola que reúne inúmeros produtores fixados naquela área. Por outro, como a *Eco-Comunidad* é uma experiência que objetiva também a difusão, REDES-AT envolve-se na organização de cursos sobre diferentes aspectos da agroecologia. Nesses cursos, utilizam como referencial de análise a própria experiência da *Eco-Comunidad*, discutindo a dimensão do sistema de cultivo adotado, problemas, dificuldades, etc.. De uma outra forma ainda, a associação firmou vínculos com técnicos (agrônomos, biólogos) que dão suporte àquela experiência e a outros grupos de produtores interessados, que testam parcialmente o método.

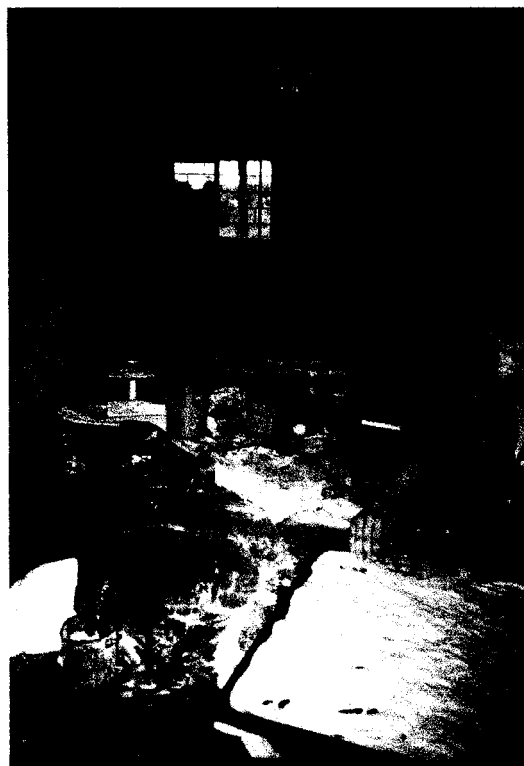
Essa opção e essa prática na busca de construção efetiva de uma outra forma de fazer e viver materializa um esforço no sentido mesmo de estabelecer uma nova maneira de se relacionar com a natureza. Esse intento resulta, portanto, numa contribuição ao processo de construção de uma sociedade ambientalmente mais justa. E essa busca supera as fronteiras daquela experiência à medida que procura envolver outras comunidades, outros grupos, constituindo-se mesmo num centro de difusão.

Nessa perspectiva, situamos, mais uma vez, a prática de uma Educação Ambiental. A experiência eco-comunitária pautada por esses princípios aponta para uma prática preta de sentido pedagógico, que é político à medida que constitui novos espaços de debates sobre as necessidades e possibilidades de mudança, e caminha nessa direção apontando alternativas, envolvendo outros grupos, associações, coletivos, buscando, enfim, um maior envolvimento social.

O lugar conta ainda com uma padaria completa (instalações e equipamentos – Figura 23 e 24), utilizada na produção de alimentos tanto para consumo interno quanto para comercialização, um pequeno auditório para realização de eventos (encontros, reuniões de associações de bairros, cursos, etc.), e um amplo prédio central onde funciona a cozinha coletiva (Figura 25), o comedouro (local de refeições – Figura 26), espaços de sociabilidade e uma área destinada a atividades lúdicas para as crianças, com muitos brinquedos, jogos, instrumentos musicais, material de pintura e desenho, livros.



■ FIGURA 23: No detalhe, um dos fornos existentes na padaria



■ FIGURA 24: Preparação de pães e pizzas (alimentos integrais)



■ FIGURA 25: Cozinha coletiva da *Comunidad*. No detalhe, a pesquisadora e Zaia, uma das adolescentes residentes



■ FIGURA 26: O comedouro

O planejamento do trabalho, a divisão de tarefas e a análise da própria experiência efetivam-se na assembléia como instância deliberativa que envolve todos os membros da comunidade, e que ocorre uma vez por semana, normalmente aos domingos no final da tarde.

As práticas adotadas na comunidade são inspiradas numa busca autogestionária, na solidariedade, num exercício estendido de poder e das formas de decisão (coletiva, em assembléias, como mencionada linhas atrás), na construção de novos conceitos, enfim, buscam a criação de uma outra forma de viver em sociedade.

A título de ilustração, podemos indicar como, no âmbito da comunidade, se vive o conceito de família. A educação das crianças é encarada como uma responsabilidade da coletividade. A noção tradicional de família nuclear assume a dimensão de família comunitária. A fim de esclarecer o seu significado, Ruben Prieto exemplifica: "Se u niño normal tiene sed dice "mamá", en cambio los nuestros le dicen a algún adulto "dame agua", pero si se lastiman los dos dicen "mama" (JORNAL EL PAIS, 2000, p.34).

A economia também é comunitária. Cada um adquire os bens que necessita, financiados por um fundo comum. Alguém, nem sempre o mesmo, encarrega-se de administrar o dinheiro, mas as decisões econômicas relevantes são tomadas em conjunto nas assembléias. E sobre o conceito de propriedade adotado na comunidade, explica Silvana: (...) "Nadie tiene nada en propiedad, más allá de la propiedad de uso" (Ibid.).

Essa estrutura coloca o grupo na condição de, na maior parte do tempo, estarem juntos ou de partilharem algo. É um cuidado mútuo que expressa muita afetividade e solidariedade. A opção de levarem a cabo a experiência com esse sentido que lhe atribuíram exige do grupo uma carga intensa de trabalho. Mas quando não estão trabalhando na chácara ou no editorial, nos períodos de descanso, buscam como lazer, preferencialmente, a leitura e a música.

5.4 NA COTIDIANIDADE, A EMERGÊNCIA DE UMA NOVA SENSIBILIDADE: ALGUNS RELATOS

O grupo desperta por volta das sete horas da manhã. Nesse horário, um ou outro já se dirigiu para o editorial, que fica muito distante da chácara, num dos bairros contíguos à *ciudad vieja*. Nos espaços coletivos das cabanas ou no comedouro do prédio principal, onde reside a maioria dos permanentes, o grupo faz a primeira refeição do dia, o desjejum. Os adultos seguem cada um para a sua tarefa: no cultivo, na cozinha, na lavanderia, na organização do espaço, no atendimento as escolas que visitam a chácara, na organização e/ou distribuição das caixas de hortaliças aos associados, na organização de cursos, na atenção às crianças, nas tarefas de interação com outros grupos de produtores, com associações de bairros, na preparação de cursos, etc.

No horário do almoço e do jantar partilham o espaço do comedouro, dividindo as mesas coletivas. Em cada refeição, reúnem-se em grupos diferentes, formados por crianças e adultos, que compartilham suas experiências cotidianas.

A busca de interação e troca de experiências estimula uma presença quase que permanente de pessoas do mundo inteiro na chácara. Nos períodos de nossa permanência na comunidade, convivemos com suecos, argentinos, franceses, italianos e chilenos. Os visitantes, muitas vezes integrantes de outras experiências comunitárias, igualmente se envolvem nos trabalhos comunitários e, com isso, fundem-se experiências e vai se delineando a concepção de que "hay que hacer y al hacer hacerse" (ENTREVISTA: Ruben Gerardo Prieto, 2000).

Por convênios estabelecidos com algumas unidades da *Universidad de la República*, a *Eco-comunidad* desenvolve projetos em parceria, como um estudo sobre o manejo alternativo de pragas, com a Faculdade de Agronomia, bem como recebe estudantes para vivenciarem a prática do cultivo agroecológico. Esses estudantes também são integrados às atividades coletivas da comunidade, ou seja, vivenciam a experiência como um todo.

Os sábados à noite na comunidade são de festa: comida farta, vinho, convidados e música. Aos domingos, há condições de ficarem mais tempo juntos, desde que não haja assuntos urgentes para atender. Pela manhã, ocupam lugar, ao lado de outros produtores, na feira ecológica. No final da tarde, reúnem-se para avaliar como vão as coisas, encaminhando questões pendentes, tomando decisões.

A convivência com aquela experiência eco-comunitária permitiu nossa inserção em diferentes atividades: trabalhamos na cozinha, no acondicionamento das hortaliças, na preparação das cestas de produtos a serem distribuídos aos associados, no acompanhamento de grupos de visitantes, na preparação de alimentos na padaria, no acompanhamento do trabalho na oficina de artesanato, e outras.

Erick (13), Bruno (11) e Matteo (5) foram nossos assíduos acompanhantes e, por isso, ficávamos boa parte do tempo juntos. A sala de brinquedos, jogos e biblioteca eram o ambiente que mais freqüentávamos. É um lugar estimulante porque, ali, todo o material disponível está ao alcance de qualquer um e a qualquer hora. Mesas, cadeiras e algumas poltronas tornam o espaço aconchegante.

Numa tarde, sentados ao redor de uma mesa, decidimos que poderíamos desenhar (Figura 27). Foi então o que fizemos. Livremente, sem qualquer forma de direcionamento, os meninos foram rabiscando e colorindo suas folhas. E a surpresa veio no resultado. Os motivos de todos os desenhos estavam relacionados ao meio ambiente ou às formas de degradação (Figuras 28 e 29).

Entendemos que essa é uma evidência que reforça as práticas e os valores que referenciam a experiência da comunidade e, ao mesmo tempo, um indício que aponta na direção da emergência mesmo de uma nova sensibilidade entre as crianças que vivem a cotidianidade da experiência.



■ FIGURA 27: Uma decisão coletiva: vamos desenhar



■ FIGURA 28: Bruno expondo seu desenho



■ FIGURA 29: Exposição dos desenhos criados pelas crianças. Resultado de um trabalho coletivo de organização

5.5 UMA PROPOSTA INTEGRAL PARA APRENDER JUNTO À NATUREZA

Uma concepção fundamental que orienta a prática do grupo é que essa experiência de cooperativa ecológica integral deve ser construída, inclusive, num processo de difusão e ampliação da experiência com a comunidade mais imediata, que são os bairros que estão situados no entorno da granja, com coletivos, universidades, enfim, com o contexto urbano e rural como um todo, e igualmente com o ensino formal.

A intenção é partilhar da idéia de formação de um indivíduo criativo e autônomo. Para tanto, concordam que a opção pela agroecologia foi fundamental, uma vez que entendem que as técnicas devem ser parte e, ao mesmo tempo, promover os valores que buscam na constituição de um novo ser social e na relação com a natureza.

É nessa direção que conceberam uma prática que, efetivamente, promove o encontro daquela experiência eco-comunitária com diferentes âmbitos da sociedade uruguaia. Assim, como conteúdo da proposta integral para aprender junto à natureza, a comunidade oferece a alunos do ensino formal ou a grupos de crianças organizadas nos bairros, a oportunidade de conhecer o trabalho de uma granja ecológica e de estudar a ação que os seres humanos exercem, positiva ou negativamente, sobre o ambiente. Os escolares, enfim, as crianças em geral, nessas visitas, têm a possibilidade de observar e investigar os arredores, aprendendo no ato mesmo daquela vivência e através da participação em atividades previamente organizadas.

Esse tipo de atividade é coordenada por diferentes membros do grupo, que se preparam para tal fim, discutindo a melhor forma de conduzir o trabalho.

De forma geral, as visitas são agendadas com alguma antecedência. E dependendo do interesse do grupo visitante e/ou dos conteúdos que estão sendo trabalhados pelos professores, no caso do ensino formal, as atividades podem ser conduzidas de uma ou de outra forma.

As visitas guiadas caracterizam-se como uma atividade informativa a todas as áreas da granja, adequada a cada grupo (figuras 30, 31, 32, 33 e 34). Num outro formato, a visita pode enfatizar a granja ecológica como ecossistema. Caracteriza-se como uma visita educativa para alunos de todos os níveis, e incluem atividades de sensibilização seguida de uma observação mais detalhada do ecossistema do lugar, procurando destacar, por exemplo, a preparação do solo, a sementeira, o transplante de plantas, a irrigação e os cuidados com diferentes tipos de cultivo, a colheita, o consumo e o processo de compostagem que encerra um ciclo dentro do sistema agroecológico. Há, ainda, um outro tipo de visita, que envolve atividades práticas, como cultivar a própria horta. Pequenas parcelas de terra estão disponíveis para que as escolas cultivem e cuidem da sua própria horta. As crianças podem acompanhar o ciclo de crescimento das plantas e colher seus próprios cultivos.



■ FIGURA 30: Chegada de alunos que estudam numa escola situada no entorno da Granja Ecológica para uma visita guiada



■ FIGURA 31: Os alunos recebendo informações sobre como funcionam os ecossistemas



■ FIGURA 32: Conhecendo o cultivo de hortaliças pelo sistema agroecológico



■ FIGURA 33: Atividade de sensibilização numa das salas de uso coletivo usada na promoção de encontros.



■ FIGURA 34: Contato com processos alternativos de construção de moradias

Porém, as visitas ao lugar servem também para que as crianças possam reforçar suas relações a partir de brincadeiras ou de um envolvimento mais descomprometido com aquele espaço (Figura 35).



■ FIGURA 35: Durante a visita, pausa para as brincadeiras

Em qualquer modalidade de atividade, de qualquer forma, o visitante vivencia não só um contato com as diversas práticas levadas a efeito no lugar (o conceito e a prática da agroecologia, as diferentes etapas na construção de residências com material alternativo, com materiais locais e de baixo custo), como também acaba estabelecendo uma experiência mais direta com um ambiente preservado, podendo observar mata a nativa, lagoas e a variedade da flora e da fauna.

O guia ou coordenador da visita desenvolve as atividades com explicações adequadas ao nível do grupo, inserindo elementos para tornar visíveis as conexões entre a crise ambiental, sua origem vinculadas aos desajustes do mundo social, a responsabilidade dos seres humanos, com o meio natural e a necessidade de se experimentar novas formas de desenvolvimento.

Há um esforço considerável no sentido de que experiências similares possam ser realizadas por outros coletivos, associações de bairros, de produtores, outras experiências comunitárias. E é pensando nessa difusão que aquela experiência eco-comunitária se transforma, na verdade, num grande ensaio, num piloto, para ser pensado enquanto uma nova possibilidade de construção social. Para tal, os portões estão sempre abertos, os espaços disponíveis são franqueados aos grupos que queiram partilhar a experiência ou, a partir daquela, construir novas (Figura 36).



■ FIGURA 36: Discutindo com um grupo de produtores as técnicas e os métodos empregados na agroecologia

Nas nossas permanências junto à comunidade, tivemos a oportunidade de viver algumas dessas visitas. Observamos que há um comprometimento efetivo e um entendimento que essa atividade é um processo educativo, assentado naturalmente numa outra perspectiva de vida, capaz de evidenciar a diversidade e as possibilidades de construção de um mundo diferente. A tarefa é encarada enquanto um instrumento capaz de contribuir na formação de cidadãos mais críticos e envolvidos com os problemas do seu tempo. Constitui-se, portanto, numa prática efetiva de uma Educação Ambiental.

5.6 CONSTRUINDO INTERLOCUÇÕES

O projeto eco-comunitário vem buscando, por diferentes vias, a difusão da experiência, que aponta, de uma maneira peculiar, para a possibilidade da construção de um mundo harmônico, baseado numa real sensibilidade ecológica, fundada no empenho comunitário, no apoio mútuo, na solidariedade e no emprego de tecnologias apropriadas.

A difusão ocorre pelas interações que a comunidade procura estabelecer com diferentes coletivos presentes no tecido social, nas aproximações com o ensino formal, na promoção de atividades que envolvam outras cooperativas, nos convênios com a universidade, na recepção e atenção aos visitantes, no envolvimento com os movimentos sociais que vão

se constituindo, e também através da publicação de periódicos, da organização de cursos e encontros, e no intuito da organização de uma comunidade de comunidades.

A Revista *Tierra Amiga* é um periódico criado pela REDES-AT, com o fim de cumprir este propósito de divulgar a caminhada da *Eco-Comunidad del Sur*. Para além desse objetivo, procura publicar artigos, reportagens sobre os temas da ecologia social, agricultura ecológica, juventude e meio ambiente, mulher e meio ambiente, inversões climáticas, educação ambiental, saúde e meio ambiente, tecnologias alternativas, etc. assim como noticiar outras experiências em curso na América Latina.

Um outro periódico foi criado nesse sentido, *RELAJO* (*Revista Latinoamericana de Jóvenes*), publicação de informação e divulgação de uma rede de jovens da América Latina envolvidos com a questão do desenvolvimento sustentável, rede essa que já se esboçara durante a reunião da ECO-92 no Rio de Janeiro.

A idéia de constituição de uma rede emergiu da necessidade de organização frente à dimensão dos problemas sócio-ambientais que afetam a sociedade contemporânea, mas num formato de organização que fosse dinâmica, democrática e propositiva, envolvendo a juventude latino-americana e buscando integrar e coordenar iniciativas e ações em diferentes áreas, tanto em nível local quanto regional.

No contexto desse propósito, *RELAJO* nasceu com a perspectiva de tornar-se um espaço aberto para compartilhar experiências de trabalho, refletir acerca da realidade, intercambiar informações e também para imaginar outros mundos possíveis.

Para além dos cursos, reuniões e contatos permanentes que a *Eco-Comunidad* leva a cabo - como forma de ir divulgando a experiência -, também oferecem, com alguma regularidade, cursos mais estruturados sobre ecologia social, através de um empreendimento cooperativo entre o *Instituto Latinoamericano de Ecología Social* (ILES), organismo criado pela REDES-AT,

em associação com o *Institute for Social Ecology*, com sede em Vermont, nos Estados Unidos.

Os cursos são, normalmente estruturados por motes específicos como, por exemplo, Biodiversidade, Agricultura e Desenvolvimento Rural; Avaliação de Impacto Ambiental e Social; Gestão de Águas; Seminários de Ecologia Social; Epistemologia Política e Conflitos Ambientais; Economia Ecológica, com carga horária que gira em torno de 30 horas. Os temas trabalhados e os especialistas envolvidos levam aos cursos interessados de diferentes áreas do conhecimento, tanto do Uruguai quanto de outros países. Essa prática tem se constituído, efetivamente, em atividades que difundem a experiência eco-comunitária.

O projeto de interlocução mais ampliada vai se constituindo aos poucos, no desejo de formação de uma rede que envolva diferentes experiências eco-comunitárias na América Latina.

A idéia nasceu da visão já compartilhada de que o conceito de comunidade não poderia estar limitado ao próprio grupo, mas sim envolvendo todo o entorno cooperativo, ou seja, as múltiplas experiências microssociais, na busca do fortalecimento e aprofundamento dos laços práticos e teóricos-conceituais das vivências comunitárias em curso (de autogestão das lutas e de aspectos parciais da vida cotidiana – produção, consumo, moradia, educação, serviços, etc.).

Na concretização desse intento, a *Eco-Sur* vai empreendendo um movimento de tecitura de uma verdadeira rede de comunidades, como forma de não serem absorvidas pelo sistema, de ir experimentando novas formas que sirvam de referência para uma outra sociedade, para um outro homem, compartilhando possibilidades. Nesse sentido, as experiências vão se difundindo e entrelaçando.

5.7 ECOTOPIAS E O CENTRO DE CAPACITAÇÃO DE JOVENS

Ecotopia é a denominação dada a um movimento de jovens que emergiu sob a influência da Eco-92, ocorrida no Rio de Janeiro, como primeiro passo na formação de uma rede latino-americana com o propósito de aproximar processos de organização que se articulam em torno do tema do meio ambiente, desenvolvimento sustentável e direitos humanos.

Delineada as premissas gerais do movimento naquele encontro, ele foi tomando formas mais concretas já a partir do ano seguinte, quando ocorreu uma primeira assembléia de fundação efetiva de uma rede, em Montevideu, na *Eco-Comunidad del Sur*, integrando, naquele momento, 14 diferentes organizações que então desenvolviam trabalhos na América Latina.

Desde a formação da rede, a Ecotopia passou a constituir-se num espaço de capacitação, intercâmbio e coordenação de jovens integrantes de organizações envolvidas, portanto, com questões sócio-ambientais, ao mesmo tempo em que se coloca como uma oportunidade de coordenar atividades futuras e fixar metas comuns a serem desenvolvidas na América Latina, na tentativa de empreender uma resposta coletiva frente aos grandes problemas que a afetam.

A Ecotopia, ao longo de suas reedições, enquanto fórum de debates e organização de atividades, tem sido construída num processo de autogestão dos participantes.

As diferentes edições do encontro vêm procurando organizar o evento orientado para a capacitação em aspectos práticos e teóricos, relacionados à promoção de um mundo habitável e justo.

Assim, as sucessivas programações têm incluído discussões sobre a experimentação e desenvolvimento de tecnologias apropriadas (agroecologia, construções ecológicas, energias renováveis, etc.), questões essas debatidas em pequenos grupos de trabalho, coordenados por especialistas em cada tema. Como atividades complementares, ocorre um conjunto de oficinas que abordam os problemas sócio-ambientais de maneira integral e a partir de

uma perspectiva ecológica-social. Tais oficinas abarcam questões que se situam no campo do gênero, estendendo-se até a problemática da criação de sistemas sustentáveis, assim como debates em torno da definição mais ampliada do conceito de necessidades humanas, por exemplo.



■ FIGURA 37: Jovens reunidos na Ecotopía de 1996

A agenda do evento prevê momentos para que cada grupo exponha um panorama da situação sócio-ambiental do seu lugar de origem, oportunidade também em que apresentam os métodos e práticas que utilizam para atuar e modificar aquela realidade.

Os grupos de trabalho também visitam os bairros da capital uruguaia, com o objetivo de tomarem contato direto com a realidade urbana produzida pelo sistema capitalista, como também com as distintas formas organizativas que assumem a crítica e que apresentam propostas de alternativas relacionadas à problemática ambiental e social. Ao mesmo tempo, procuram estabelecer vínculos com os jovens dos lugares visitados.

No intuito de espriar o tipo de encontro e movimento que realizam, a conclusão das atividades – e os materiais produzidos – são expostos numa das ruas que se situam no centro da cidade de Montevideú.

A manutenção das ecotopias enquanto um espaço de debate e a própria constituição da rede a que deu origem deve-se, a rigor, ao esforço de organização e articulação da *Eco-Comunidad del Sur*, através da REDES-AT. Todos os encontros foram realizados em Montevideu, na granja ecológica. A mobilização viabiliza-se pela reunião de membros da comunidade numa espécie de oficina facilitadora.

Tanto as ecotopias quanto a rede que resultou desses eventos assumem um papel importante na construção daquela experiência eco-comunitária e no desenvolvimento de uma Educação Ambiental que ali identificamos, extrapolando os muros da própria experiência e ampliando numa teia de relacionamentos e envolvimento que acabam gerando.

A importância dessa prática radica na possibilidade de que os participantes possam aplicar os conhecimentos e vivências compartilhadas, nas comunidades onde estão inseridos ou nos lugares onde desenvolvem seu trabalho. As ecotopias, ao fomentar o intercâmbio de experiências e informação, estimulam os jovens a desenvolverem sua capacidade crítica e a colocarem em funcionamento sua imaginação para criar soluções e propor alternativas aos enormes problemas sociais e ambientais que a sociedade latino-americana contemporânea enfrenta. Nesse movimento, geram multiplicadores que, na sua ação e prática, podem estabelecer novas interações. A rede mantém o vínculo e encurta a distância entre os grupos espalhados pelo continente.



■ FIGURA 38: Debates durante a Ecotopia de 1996

Essas possibilidades já discutidas no âmbito dos encontros, são apontadas como iniciativas a serem colocadas em prática pelos grupos participantes. Desde a realização da segunda ecotopia, foi definida, como uma iniciativa, a realização de encontros similares em cada um dos países, como forma de promover um fluxo de informação desde cada ponto ou lugar para alimentar instâncias mais globais. Igualmente, como maneira de facilitar a difusão de idéias e informações a partir das bases que constituem aquele espaço de debate e a própria rede.

Para além dos encontros anuais e da rede, o movimento também tomou a iniciativa na construção, no espaço mesmo da *Eco-Comunidad del Sur*, das primeiras instalações de um Centro de Capacitação de Jovens (e para os jovens). A realização foi tomada no sentido de consolidação do movimento da Ecotopia Latino-Americana e da Rede Juvenil por um Desenvolvimento Sustentável, como espaço físico para os encontros recorrentes.

5.8 ECOLOGIA SOCIAL, EDUCAÇÃO AMBIENTAL E UTOPIA

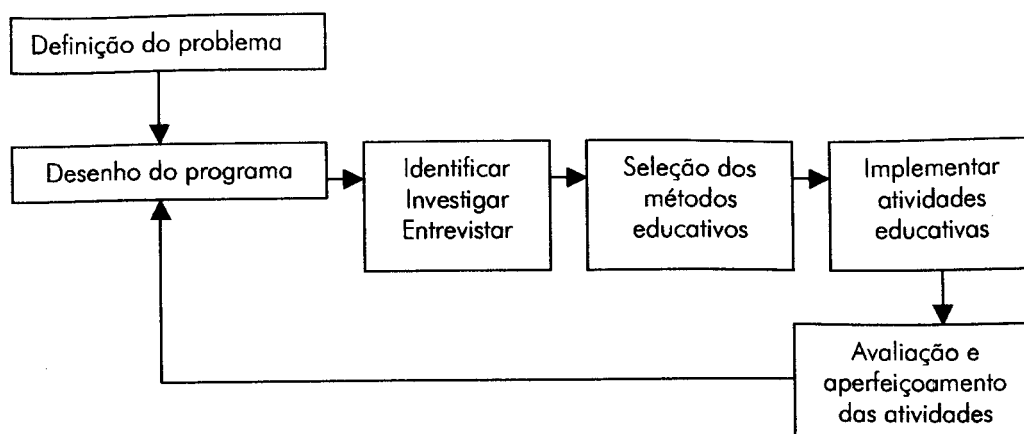
Parece-nos que já está suficientemente claro que a constituição dessa experiência eco-comunitária se dá a partir de uma intenção voluntária

de forjar novas formas de relações sociais, construção essa mediada pela convicção da necessidade de um novo pacto entre sociedade e natureza.

Assim, no âmbito específico da própria experiência, à medida que ela avança e vai se fazendo dia-a-dia, bem como nas relações que estabelece com o entorno mais próximo (bairros), com as escolas, com distintos coletivos, com a Universidade, enfim, com a cidade e com outras experiências alhures, desenvolve-se um conceito e uma prática de Educação Ambiental (no sentido de fazer emergir novas sensibilidades em relação ao meio) inescapavelmente ligado a processos mais amplos de educação, na busca de contribuir na formação de cidadãos e cidadãs crítico-transformadores da realidade vivida.

Pelas experiências que vivenciamos junto à comunidade, pelos artigos publicados nas diferentes revistas de divulgação e difusão, nas conversas, bem como tendo a oportunidade de conhecer alguns dos parceiros de envolvimento comunitário, fica evidente que a noção de Educação Ambiental que praticam orienta-se, de um lado, por uma crítica aos modelos tradicionais de Educação Ambiental e, de outro, pela referência da Ecologia Social no desenvolvimento de uma outra perspectiva de Educação Ambiental.

O Centro de Investigación y Promoción Francisco y Ecológico (CIPFE), de Montevideo, parceiro de trabalho da *Eco-Comunidad del Sur*, já havia, em diferentes oportunidades, desenvolvido projetos de Educação Ambiental que essencialmente se inspiraram nos promovidos pela WWF-US (World Wildlife Found). No entanto, a avaliação que realizaram aponta no sentido de que os resultados desses programas foram pobres, praticamente não repercutindo socialmente, em especial porque teriam sido incapazes de compreender a complexidade da vida cotidiana das pessoas as quais se dirigiam. O modelo dessas experiências pode ser resumido no seguinte esquema:

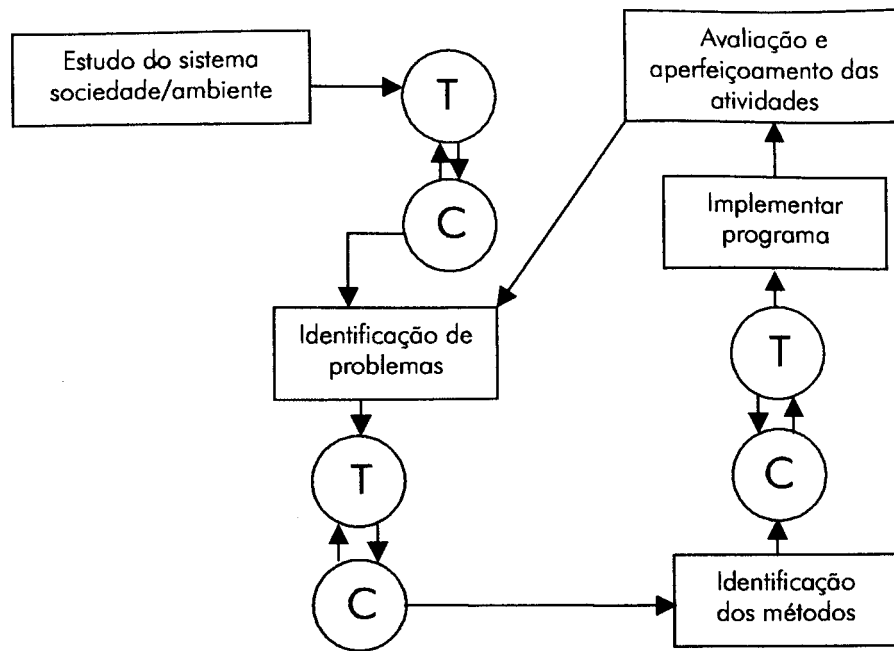


■ ESQUEMA 2: Diagrama de um programa de Educação Ambiental (baseado no utilizado por WWF-US)

Pelo esquema, podemos observar que os projetos até então colocados em prática eram essencialmente unidirecional, sendo praticamente nula a participação das comunidades afetadas.

A partir do aporte da Ecologia Social, esses projetos tomaram outra direção, assimilando um novo programa de trabalho, que pode ser caracterizado como interativo. As principais características dessa nova proposta residem não só na possibilidade de apreender como as pessoas percebem seu ambiente – e como interagem com ele –, mas também de conhecer as formas de manejo. Nessa confluência, é possível conceber a Educação Ambiental não só nos limites estreitos de uma perspectiva ambiental, mas também como um trabalho social.

Essa nova perspectiva sugere um outro diagrama, através do qual podemos vislumbrar com maior clareza as possibilidades de alcance dessa proposta.



■ ESQUEMA 3: Diagrama do programa interativo de Educação Ambiental assentado nas premissas da Ecologia Social

O diagrama do programa interativo de Educação Ambiental, baseado nos postulados da Ecologia Social, revela que, ao longo da aplicação de um projeto, impõe-se a participação mútua de técnicos/especialistas (T) e comunidade (C).

Uma Educação Ambiental que se pauta pelas premissas da Ecologia Social, na visão do CIPFE e seus parceiros de trabalho, particularmente a *Comunidad del Sur*, remete a uma necessária reflexão sobre a dimensão utópica, já que resulta em mudanças na forma como a sociedade se relaciona com a natureza, implicando, por decorrência, também, mudanças das relações que os homens estabelecem entre si.

Essa análise é feita a partir da constatação de que, atualmente, a sociedade vive um paradoxo, pois possui conhecimento e tecnologia suficientes para acreditar na possibilidade de uma utopia, mas que, ao mesmo tempo, não teria um projeto utópico ao seu alcance.

A utopia, como analisa Gudynas (COMUNIDAD 64, 1988, p.31), tem o valor de mostrar à sociedade, desde a realidade presente, o futuro impossível, indicando a direção a ser tomada. A utopia, para ele, é a expressão dos nossos desejos e aspirações, reprimidos na vida diária. E se desejamos descobrir o que é possível fazer, devemos também descobrir o que é impossível.

No que tange, portanto, à busca utópica, Gudynas vai dizer que alguns pontos são fundamentais: liberdade, prática democrática cotidiana, entendida como ações cotidianas, e uma nova ordem social. A conclusão vai no sentido de conceber que não é possível tratar temas ambientais, ou desenvolver uma prática de Educação Ambiental, se existir restrições à liberdade. Nesse sentido, a Ecologia Social seria capaz de dar respostas mais concretas a esse caminho. Para tal, os parceiros de trabalhos comunitários de Educação Ambiental propõem-se a um trabalho que seja capaz de integrar prática, investigação e ensino, o que poderia desencadear o esboço de um novo projeto utópico.

Com essa perspectiva, podemos indicar que se desenvolveram inúmeros projetos de Educação Ambiental em programas de Ecologia Social na periferia de Montevideú, que serão objetos de trabalhos futuros que pretendemos realizar como estudos complementares a esta pesquisa.

Acreditamos que já oferecemos subsídios suficientes para, na próxima seção, encaminharmos mais algumas discussões em termos de conclusão.